

DF. Educação solidária?

Adilson Cesar de Araujo

Taguatinga

O GDF tem propagado em todos os meios de comunicação o programa Educação Solidária. Segundo ele, o mais integrado e completo projeto educacional do país. Na televisão, a atriz de azul, não podia ser diferente, diz que o GDF estudou bastante para recuperar a qualidade da educação local e que o projeto visa a acabar com a evasão escolar e erradicar o analfabetismo no DF. Para assim formar jovens para o mercado de trabalho. Ou seja, a finalidade última da escola, de acordo com o projeto de educação do GDF, é o mercado de trabalho.

Porém, é necessário ressaltar que existe uma corrente de educadores críticos que combatem essa visão de escola como parte de um complexo mercantil, ou apenas com a função de preparar recursos humanos para atender às necessidades do desenvolvimento do capitalismo. De acordo com essa corrente, a submissão exclusiva da escola aos interesses empresariais limita e empobrece o seu papel. Mesmo porque o mercado de trabalho no mundo hoje é cada vez mais restrito e elitista, sendo uma hipocrisia alimentar a chama de que todos que estão na escola terão vez dentro dessa lógica excludente e perversa existente. Logo, a relação escola e trabalho não é tão linear assim, como diz a propaganda. Um exemplo: as universidades espanholas estão sendo chamadas de "fábricas de parados", porque os jovens se formam e não estão tendo vez no mercado de trabalho.

Portanto, temos que buscar novos valores, objetivando

redimensionar o espaço escolar, saindo do reducionismo escola-mercado. Isso passa por uma nova concepção de educação, pela construção de uma escola de fato compromissada com a solidariedade humana, com a afirmação dos valores e identidades das comunidades pobres e marginalizadas, visando a resgatar a auto-estima e a esperança daqueles que vieram ao mundo e estão quase perdendo a viagem. Isso só é viável com a participação coletiva dos que vivenciam o cotidiano escolar: pais, alunos, servidores e professores, pois são eles que sofrem com a angústia, a falta de expectativas e de respostas de um modelo escolar hipócrita e ilusório. Infelizmente, a solidariedade do GDF é para poucos. Esses setores marginalizados pelo poder público não podem hoje expressar seus sonhos de escola, não podem interferir e controlar o espaço escolar, porque quem dirige a escola não passou pelo crivo desses setores que sofrem e anseiam por uma escola diferente, crítica e criativa. Mas sim pelo crivo frio e calculista de quem ocupa a pasta da Educação, que acha que entende mais de solidariedade do que aqueles que precisam dela.

É necessário um novo conceito de educação e uma nova escola que produza cidadãos críticos, para assim construirmos um mundo mais justo, ético e de fato solidário, em que o trabalho seja visto como uma riqueza acessível a todos em idade produtiva, não um privilégio de poucos. Nesse novo mundo, os pobres marginalizados não serão apenas objeto das políticas públicas, mas sujeitos dos seus destinos. Fui vice-diretor eleito do C.E.02 de Ceilândia Sul, de 1997 a 1999, escola premiada pela Unesco no ano de 1998 como Referência Nacional em Gestão Escolar.